

“A VIBE ESTÁ MUITO LEGAL”: ENTRE SKATES, CAPACETES, JOELHEIRAS E CALÇAS BAIXAS

EVERTON ARRUDA IRIAS



O presente relato descreve uma tematização que ocorreu no primeiro semestre de 2022, envolvendo duas turmas de 5º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Raimundo Correia, situada na região de São Miguel Paulista, Zona Leste da cidade de São Paulo.

No ano anterior havia ministrado aulas para ambas as turmas, inicialmente de maneira remota e, assim que possível, de forma híbrida. No último mês de 2021, todo(a)s o(a)s estudantes poderiam frequentar a escola, mas algumas famílias preferiram manter seus filho(a)s em casa porque ainda não haviam sido vacinado(a)s. O contexto nos permitiu tematizar danças brasileiras e brincadeiras que garantiam o necessário distanciamento.

Iniciamos o ano letivo da 2022 com as salas de aula completas, índices de contaminação altos e a obrigatoriedade de cumprimento de protocolos sanitários como a obrigatoriedade do uso de máscaras, distanciamento social, proibição de compartilhar objetos etc. Esses fatores foram considerados na definição do tema de estudo. Também combinamos que eu emprestaria um celular antigo para, em duplas e semanalmente, o(a)s estudantes fotografarem as atividades e/ou gravarem em áudio suas impressões, sensações etc.

As primeiras aulas foram de muita conversa com o(a)s estudantes, onde puderam expor suas experiências durante as férias escolares e para aqueles que retornavam à escola após a fase mais aguda da pandemia, também foi um momento de acolhimento, em que socializaram os sentimentos acumulados e as experiências vividas. Além disso, expusemos as nossas expectativas para o ano que começava. As conversas foram tomando novos rumos: o(a)s estudantes compartilharam, oralmente e

gestualmente, as práticas corporais que haviam realizado ou estavam realizando. Recuperamos os temas estudados anteriormente e decidimos que estudaríamos lutas, esportes e ginásticas.

Analisamos fotos de espaços disponíveis no entorno escolar onde ocorrem práticas corporais. O(A)s estudantes puderam socializar o que sabiam a respeito desses locais e do que lá acontece, além disso, algumas falas revelavam as representações dos estudantes acerca de alguns esportes, lutas e ginásticas. Em meio às conversas, duas práticas corporais se destacaram: o voleibol e o skate. O voleibol em decorrência de uma quadra de areia que recentemente foi inaugurada no bairro e o skate por ser uma prática bastante presente numa das praças próximas à escola, e também pela pista existente num parque da região.

Pesquisei na internet e apresentei às turmas algumas manchetes de reportagens referentes ao voleibol e ao skate: “Vôlei Infantil do BC disputará a final da Liga Catarinense”; “Tiffany não fez mal a ninguém no vôlei, mas ainda sofre preconceito”; “Vôlei não é para homens: veja outros exemplos de preconceito nos esportes”; “Ainda tem gente que acha que skatista é vagabundo e maconheiro”; “Rayssa Leal quer usar prata para quebrar preconceitos no skate” e “Atletas colhem assinaturas para que skate não entre nos Jogos Olímpicos”.

Durante a conversa me chamou a atenção o fato de muito(a)s estudantes comentarem sobre a Rayssa Leal, jovem skatista cujo nome circulava em vários meios digitais, e também o incômodo de alguns(mas) estudantes do 5º ano B com relação às roupas utilizadas por skatistas, principalmente as calças baixas:

Antônio: Tudo bem usar as calças mais baixas professor, eu também ando assim, mas tem uns que exageram.

Maria Eduarda: É verdade professor, teve um dia destes que eu estava no shopping e vinha um menino muito magrinho, e as calças dele estavam quase lá no joelho, estava até engraçado.

Diante dessas e outras colocações, definimos o skate como tema de estudo. A escola dispõe de três skates e alguns equipamentos de proteção (dois capacetes, dois pares de cotoveleiras e dois pares de joelheiras). O(A)s es-

tudantes foram orientado(a)s a trazer também seus skates e equipamentos nos dias em que teríamos aula. No início utilizamos os materiais da escola e, gradativamente, incluímos os trazidos pelo(a)s estudantes. Conversávamos antes ou após os momentos de experimentação. Algumas crianças diziam não conseguir andar de skate em pé. Nas primeiras aulas, em sua maioria, o pessoal do 5º ano B andou sentado ou deitado. Quem possuía mais contato com o skate orientou o(a)s colegas: *primeiro tem que encontrar o tail. Isso, e tem que fazer a remada também.* Também emitiram comentários do tipo: *alguns alunos estão andando demais e outros quase não têm tempo de subir no skate. Esse skate aqui está bem ruim, ele fica indo sempre para o mesmo lado.*

A observação do Pietro procedia, pois se tratava de um skate que fora desmontado e remontado com rodinhas de tamanhos diferentes.

Coletivamente, buscamos resolver essas situações. Comprometi-me a trazer alguns vídeos que ensinassem gestos básicos para andar de skate em pé. Os materiais selecionados mostravam diferentes corpos no skate. Além disso, combinamos que nas aulas subsequentes formaríamos grupos e cada qual ficaria com ao menos um skate e o(a)s membro(a)s se revezariam no uso.

Outro ponto interessante a destacar é que alguns(mas) estudantes faziam questão de colocar capacetes, joelheiras e cotoveleiras para subir no skate, enquanto outro(a)s nem se importavam com isso.

Pessoal, por que alguns de vocês não querem usar os equipamentos de proteção? Ah, professor, porque alguns de nós já sabem andar, e os equipamentos atrapalham nosso estilo. Como assim? Parece que a gente fica todo duro com estes equipamentos. Mas e fora da escola, vocês e outro(a)s skatistas costumam usar estes equipamentos? Depende. Tem alguns que usam e outros que não.

A partir daí, busquei materiais na internet que pudessem detalhar um pouco mais a questão. No canal *SKTB Responde*, encontrei um [vídeo](#) em que dois skatistas abordam o tema. Segundo eles, é comum observarmos skatistas de algumas modalidades utilizando equipamentos de proteção sempre, entretanto, no *street* isso não é uma regra. Dizem que para pessoas que ainda não sentem confiança os equipamentos são úteis, mas defendem que cada um(a) deve andar da maneira que se sinta mais confortável e

seguro(a), porque o que empolga na prática do *street* é justamente o desafio de andar de skate sem proteção. Após a assistência ao vídeo, conversamos bastante e concluímos que a posição dos skatistas convergia com a opinião das turmas. Também anotei na lousa a terminologia empregada: *street*, *vertical*, *half pipe*, *bowl*. Como o(a)s estudantes não sabiam do que se tratava, sugeri que pesquisassem em casa e trouxessem os resultados na aula seguinte.

Ao finalizar o vídeo, apareceu um link para outro do mesmo canal e o título nos chamou a atenção: *Gente que usa roupa de skate mas não é skatista?* Resolvemos assisti-lo. Nele os apresentadores descrevem o desconforto quando veem pessoas que não são skatistas trajando roupas cujas marcas, segundo eles, referem-se ao mundo do skate. Conversamos sobre o assunto. Algumas pessoas manifestaram sua discordância.

Antônio: Esse meu tênis aqui é para andar de skate, olha a marca dele, e olha embaixo dele.

Pouco(a)s estudantes realizaram a pesquisa, então sugeri utilizarmos a sala de informática para levantar as modalidades de skate existentes. Diante das dificuldades constatadas, não recomendei nenhum site específico, entretanto indiquei caminhos. Sugeri recorrerem ao Google para localizar sites que contivessem os nomes das modalidades e uma breve descrição e que, na sequência, pesquisassem imagens correspondentes. Estas foram arquivadas numa pasta específica e apresentadas às turmas numa aula posterior. Um dos estudantes selecionou uma imagem que descrevia as partes que compõem um skate. Tudo foi anotado nos cadernos.



As crianças andavam cada vez mais nos skates. Algumas explicavam às colegas as manobras que conheciam. Com frequência assistíamos vídeos que mostravam as técnicas. As turmas também sugeriram espalhar obstáculos pela quadra (cones, bastões, cordas) para ultrapassá-los com os skates, fosse desviando ou saltando. Nesse interim, consegui emprestado com um colega um skate *longboard*. O(A)s estudantes se apressaram a experimentá-lo e perceberam que esse formato limitava as manobras, porém andava muito mais rápido que os demais, talvez pelas suas rodinhas diferentes em tamanho e composição, parte essa do skate que atraiu bastante atenção e curiosidade da turma. Andaram no *longboard* em pé, sentado(a)s, deitado(a)s, duas pessoas juntas etc. Estudantes que, inicialmente, ficaram apenas observando o(a)s colegas, decidiram arriscar-se, solicitando auxílio de quem estivesse por perto.

Observamos imagens de diferentes tipos de skate, identificamos as características e em quais modalidades eram utilizados. Ademais, acessamos informações acerca das rodinhas de skate para reconhecermos as diferenças. Percebemos que a confecção das mesmas se alterou ao longo do tempo, e que hoje em dia o diâmetro, a largura e o material da rodinha interferem na estabilidade e no deslize do skate e que, por isso, existem rodinhas apropriadas para determinados tipos de pisos.

Retomamos a discussão das vestimentas. Analisamos uma imagem extraída da internet com vários logotipos de empresas que produzem roupas direcionadas a skatistas. Conversamos brevemente sobre a trajetória dessas empresas, ou seja, como começaram a produzir roupas para este público. Curiosamente, nesse dia, o aluno Brayan estava com uma camiseta cujo logotipo estava entre aqueles apresentados na imagem e, vale destacar, ele não se rotula como skatista.

Conseguimos agendar uma visita à pista de skate situada no Parque do Jardim Helena, espaço sempre comentado pelo(a)s estudantes. Em companhia de familiares que se dispuseram a ajudar, a caminhada durou cerca de 15 minutos. Combináramos com a gestão da escola que a atividade duraria a tarde inteira, tempo necessário para usufruir do pista de skate, observar e entrevistar skatistas e, se possível, conhecer melhor a estrutura disponível. Além da pista da modalidade *street*, o recinto dispõe de

dois *half pipes*. O dia estava ensolarado. Quando chegamos, havia apenas uma menina, acompanhada de sua responsável, andava de skate na pista. Por absoluta ignorância de minha parte, as crianças se apropriaram da pista quando chegaram e começaram a deslizar. Mesmo aquelas que aguardavam sua vez, caminhavam pela pista, atrapalhando quem andava de skate. Apenas a aluna Giovana se arriscou a descer do *half pipe* sentada. Muito(a)s tentaram escalá-lo.

Quando outros skatistas apareceram foram logo rodeados pelo(a)s estudantes com suas pranchetas, folhas de sulfite e canetas. Havíamos elaborado algumas perguntas sobre a utilização ou não de materiais de proteção, a modalidade que praticavam e as manobras que conseguiam executar.



Um grupo de skatistas se aproximou para perguntar do que se tratava e, depois de informá-los, consideraram a iniciativa muito importante. Após uma pausa para o lanche, as crianças foram liberadas para desfrutar dos outros espaços do parque. Para minha surpresa, muitas continuaram na pista até o momento de retornarmos à escola. Enquanto isso, o avô do João Vitor observava com muito carinho e um olhar radiante seu neto deslizar sobre a pista, subindo a porção inicial do *half pipe*. O menino frequenta a pista aos finais de semana, anda de skate com facilidade e executa algumas manobras.

Perto da hora de irmos embora, uma skatista chegou na pista vestindo camiseta e calças largas e compridas, e usando boné. Um grupo de meninas quis entrevistá-la, já que se tratava da única jovem que estava na pista.

As anotações foram socializadas numa aula posterior. Conversamos bastante sobre a pouca presença feminina na pista e as vestimentas da skatista. Apresentei imagens de skatistas trajado(a)s de diferentes

maneiras. Alguns alunos e algumas alunas disseram que as roupas largas faziam parte do seu estilo de vida e que ninguém se incomodava com isso ou, ao menos, não percebiam. Outro(a)s disseram que alguém poderia chamá-lo(a)s de vagabundo(a)s, usuário(a)s de drogas. Perguntei se aquelas falas poderiam afetar as pessoas: *ah, professor o negócio é nem se importar e seguir da maneira que você acha melhor. Meus pais não se incomodam que eu tenha este estilo, mas não sei como reagiriam se eu chegasse em casa com alguém vestido assim. Mesmo a pessoa tentando não se importar, isso pode gerar um sentimento ruim para ela.*

Para enfrentar a questão, apoiei-me nos argumentos do livro *A cidade e a tribo skatista: juventude, cotidiano e práticas corporais na história cultural*, de Leonardo Brandão, preparei alguns slides repletos de fotografias, a fim de notarmos como a ligação entre o movimento punk e o skate, nas décadas de 1970 e 1980, fizeram com que diferentes significados fossem atribuídos ao(à)s praticantes de skate. Observamos que, à época, a prática de skate era embalada por músicas de punk rock tocadas em rádios levados às praças públicas. Percebemos também que no movimento de transgressão e apropriação dos espaços públicos, influenciado pelo ritmo frenético das músicas, surgiu a modalidade *street*. Na aula seguinte, ouvimos músicas de punk rock num volume considerável enquanto andávamos de skate na quadra da escola.

A vibe está muito legal, parece que estamos num filme, ou naquelas praças com todo mundo andando de skate. Dá mais animação, consegui fazer coisas que eu não conseguia. Ah, mas acho que a questão não é o tipo de música, pois esta animação poderia ocorrer com qualquer outro estilo.

Em outra ocasião, a partir da sugestão das crianças, ouvimos diferentes estilos de músicas para embalar: funk, sertanejo, pop. Algumas crianças acharam que o punk dava mais entusiasmo, outras discordaram e outras disseram que a música não influenciava em nada.

Conseguimos agendar uma visita ao Centro de Esportes Radicais (CER), um parque situado no Bom Retiro, bairro localizado na Zona Oeste de São Paulo. O CER conta com uma ampla pista de *street*, um *bowl*, um *half pipe*

“A vibe está muito legal”: entre skates, capacetes, joelheiras e calças baixas

e três pistas *pumptrack* (Um circuito com início, meio, mas nunca um fim, onde o praticante anda “bombeando”, sem impulsionar, apenas ganhando velocidade na medida em que passa pelos obstáculos). Desta vez, a escola contratou um ônibus e uma van adaptada para levar o Kauan, que é usuário de cadeiras de rodas. As professoras das turmas e outro colega da Educação Física nos acompanharam. Na chegada ao local, o(a)s estudantes correram diretamente para a *pumptrack* de nível mais avançado e logo perceberam que seria muito difícil andar por ali, haja vista os altos desníveis da pista. Nos distribuímos pelos espaços do parque para andar de skate. Desta vez, recomendei que não ficassem caminhando na pista, a fim de evitarem acidentes. O Kauan foi acompanhado pelo professor de Educação Física que circulou várias vezes com ele, sobre a cadeira de rodas, na *pumptrack* de nível iniciante. Uma das propostas era conversarem com skatistas, principalmente mulheres, sobre as suas experiências. Havia poucas skatistas, mas conseguimos conversar com elas. Durante o tempo destinado a usufruírem dos outros espaços que o CER oferecia: parquinho, pista de parkour, etc., a aluna Julia disse que queria comprar um skate e perguntou se eu sabia quanta custava. Não soube responder-lhe naquele momento.



Nas aulas seguintes as crianças partilharam suas sensações e impressões com relação às atividades realizadas no CER. Puderam compará-lo ao Parque do Jardim Helena. Também apresentaram as informações coletadas nas entrevistas. Uma das skatistas disse que não havia muitas garotas porque se tratava de um dia e horário em que muitas pessoas estavam trabalhando, mas que aos finais de semana era possível encontrar mulheres andando naquela pista. Outra entrevistada acreditava que o baixo número de meninas se dava pelo fato delas, quando mais jovens, necessitarem do auxílio de algum(a) responsável mais velho para chegarem até o parque.

Aproveitei a ocasião para apresentar os valores dos skates que havia pesquisado. Variam de R\$ 100,00 até mais de R\$1.000,00, dependendo do tipo, da loja, dos acessórios, da região etc.

Por fim, convidei as turmas a documentarem todo o processo de estudo do skate. O 5º ano A decidiu construir um mural em formato de diário com as fotos que fizemos ao longo do percurso. Quem quisesse mostraria a sua experiência. O 5º ano B propôs gravar um vídeo com as falas do(a)s estudantes a respeito dos trabalhos. Ele(a)s mesmo(a)s preparariam as falas, fariam as gravações e editariam o vídeo. Cumprimos com êxito a primeira tarefa. A segunda ficará para uma próxima vez.